

LILIA MORITZ SCHWARCZ

**QUANDO
ACABA O
SÉCULO XX**

BREVE COMPANHIA | ENSAIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LILIA M. SCHWARCZ

Quando acaba o século XX



Sumário

Quando acaba o século XX

Sobre a autora

Créditos

É impressionante como uma criatura tão pequena, invisível a olho nu, tem a capacidade de paralisar o planeta. Algo que só se conhecia do passado ou por meio de fantasias, de distopias científicas agora faz parte da nossa realidade.

Sempre se sai mudado de um estado de anomalia: passamos a repensar se essa rotina acelerada é mesmo necessária, se todo mundo precisa sair de casa e voltar no mesmo horário, se estamos fazendo bem ou muito mal para o planeta. Se não podemos ser mais flexíveis, menos congestionados, menos poluidores.

Ficar em casa é reinventar a rotina, se descobrir como uma pessoa estrangeira. Eu me conheço como uma pessoa que acorda de manhã, sai para correr, vai para o trabalho, vai para outro lugar e chega em casa exausta. Agora, preciso me reinventar numa temporalidade diferente. É um movimento interior de redescoberta.

Mas como dizia Montaigne: “A humanidade é vária”. Nem todos estão passando por isso da mesma maneira. Há grandes diferenças, a depender de raça, classe, gênero. Nós, mulheres, por exemplo, temos um conhecimento distinto dos homens quanto ao cuidado com a casa. Não há nada de biológico nessa constatação; essa é uma função que nos foi impingida histórica e

culturalmente de modo a parecer “natural”; o que não é. Há vários relatos de maridos que não imaginavam que os afazeres domésticos dessem todo esse trabalho, que não se davam conta do tempo que tomavam, o que evidencia uma divisão do trabalho internalizada e invisível.

Os séculos XX e XXI são e serão da revolução feminista, como já vai ficando claro. As mulheres não vão voltar atrás. Quem sabe possamos aprender com a experiência das várias mulheres dirigentes de nações, como é o caso de Nova Zelândia, Islândia, Finlândia, Taiwan, Alemanha e Bélgica, que estão inventando uma forma nova de “fazer política”: menos viril, menos normativa, menos dogmática. Uma forma mais atenta aos cuidados de que a população precisa e ao diálogo. São governos que tiveram grande sucesso em conter a pandemia com clareza, objetividade, assertividade, firmeza, respeito à ciência e, sobretudo, respeito e cuidado para com os cidadãos.

Mas a questão das mulheres é também de gênero e classe social. Mulheres das classes média e alta têm mais recursos e podem lidar melhor com seu tempo diante do trabalho, o que é muito diferente no caso de mulheres de baixa renda e negras. Elas são as que menos têm acesso à saúde pública e as que mais apresentam problemas cardíacos e respiratórios recorrentes. São elas, também, que estão na outra ponta da saúde: há muitas enfermeiras negras e pardas sendo contaminadas e morrendo de covid-19. Elas assumem o cuidado com os pacientes e até com os médicos, desempenhando o mesmo papel em casa e no sistema de saúde. E são ainda mais vulneráveis porque muitas delas estão trabalhando sem a

proteção necessária, e porque em geral já estão sobrecarregadas com o trabalho doméstico. E nem sempre “casa” quer dizer “lar”. Casa sempre foi um local de repouso e abrigo. Já lar é um conceito criado pela burguesia, no século XIX, que tendeu a idealizar esse lugar, sublinhando o modelo de família estruturada e esquecendo dos conflitos por lá inerentes. Muitas vezes romantizamos esse espaço, sem ver que, nesse contexto pandêmico, os números de violência doméstica aumentam. Os de feminicídio e de infanticídio também.

A desigualdade tem muitas dimensões e a pandemia escancara as nossas. Ela chegou ao país de avião, por meio de pessoas da elite que estavam no estrangeiro e voltaram contaminadas — tanto que os primeiros dados incidem sobre os bairros mais nobres. Mas o que está acontecendo agora é que o vírus chegou com força nas periferias, nos subúrbios, nas comunidades e favelas espalhadas pelo país. Em São Paulo a pandemia já é muito mais concentrada na periferia do que nos bairros centrais. No Rio de Janeiro, em Manaus e em Fortaleza, idem, e em Salvador o perfil parece estar se repetindo. Além do mais, dados vêm mostrando como ela tem incidido sobretudo na população negra, a mais afetada pela pandemia da covid-19.

E quando dizemos “fique em casa, mantenha o isolamento” temos que refletir não só acerca da nossa “bolha”, mas sobre as condições de vida dessas populações. Muitas moram em cômodos únicos com seis ou mais pessoas. Pouco ou não atendidas por serviços de saneamento básico como água potável e tratamento de esgoto, as populações pobres são também vítimas preferenciais de doenças como anemia, problemas

pulmonares e pressão alta. Por isso, numa pandemia, elas são duplamente castigadas. Por outro lado, no que se refere à educação, mais uma vez ficam acirradas as nossas desigualdades. Longe de mim achar que as crianças que estudam em escolas privadas não estejam sendo afetadas pela covid-19. Perderam a sociabilidade, a oportunidade de aprender em conjunto, de encontrar colegas e professores. Mas se a crise é ruim ela é de alguma maneira contornável. O que dizer de crianças que moram em locais sem internet, que não têm computadores e tampouco pais e amigos para lhes ajudarem? Mais uma vez, a Pandemia apenas evidencia nossa renitente desigualdade.

Por sinal, o Brasil consistentemente vai ganhando posições de proeminência nesse quesito. É o sexto país mais desigual do mundo. É o primeiro, junto com Catar, dentre os países democráticos. O Brasil não é um país pobre, mas é um país de pobres.

O certo é que essa Pandemia apresenta muitas faces, no Brasil e no mundo.

O historiador britânico Eric Hobsbawm disse que o longo século XIX só terminou em 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial. Acreditava-se então no progresso e na evolução. Euclides da Cunha, por exemplo, aqui no Brasil dizia: “Estamos condenados ao progresso”, como se o progresso fosse uma danação de uma sociedade que gostava de se chamar de “civilização”. No entanto, a Primeira Guerra mostrou como esses mesmos povos estavam mais próximos da barbárie e da

destruição, e o conflito retirou todo o lustro civilizatório da Belle Époque europeia.

O mundo, ao contrário, não era tão civilizado quanto se imaginava. As pessoas guerreavam corpo a corpo e voltavam mutiladas e traumatizadas, em silêncio. Mas um silêncio cheio de ruídos. Por isso Hobsbawm tem razão: os séculos não terminam com o virar da folhinha do calendário, mas quando grandes crises colocam em questão verdades que já pareciam consolidadas.

A grande marca do século XX foi a tecnologia e a ideia de que ela nos emanciparia e libertaria. Discordo da afirmação de que não estávamos globalizados no século XIX, mas foi apenas no século XX que a tecnologia ganhou escala mundial e acelerou o nosso tempo. Graças a ela, acreditávamos estar nos livrando das amarras geográficas, corpóreas, temporais. Não estávamos! Ao deixar mais evidente o nosso lado humano e vulnerável, a pandemia da covid-19 marca o final do século XX.

A doença, seja ela qual for, produz uma sensação de medo e insegurança. Diante desse tipo de crise sanitária, nossa primeira reação é dizer que sairemos imunes. Antes de virar uma pandemia, as mortes nos soam muito distantes, e o discurso do “não vai acontecer comigo” é natural. Reconhecer um problema do tamanho de uma pandemia também é algo custoso, em vários sentidos, por isso sempre se vê algum tipo de negacionismo. No começo do século, em 1903, a expectativa de vida era de 33 anos. O Brasil era chamado de “grande hospital” e tinha todo tipo de doença: lepra, sífilis, tuberculose, peste bubônica, febre amarela. Quando o presidente Rodrigues Alves assume o poder

e indica um médico sanitaria para combater a febre amarela, a peste bubônica e a varíola, eles começam exterminando ratos e mosquitos e depois passam a vacinar a população.

Mas na época os brasileiros não foram bem informados e reagiram de muitas maneiras. Essa foi a primeira revolta do pós-abolição e a primeira da República que prometeu inclusão, mas entregou muita exclusão social. Aliás, o mesmo Rodrigues Alves estará de volta ao poder no contexto da gripe espanhola de 1918, não como presidente na ativa, mas como presidente eleito. E é dele a ideia de, como Oswaldo Cruz já havia morrido, indicar o herdeiro dele, Carlos Chagas. As autoridades brasileiras já sabiam da propagação da gripe espanhola no mundo, e mesmo assim não agiram a tempo. O vírus entrou a bordo de navios que atracaram no Brasil e então a contaminação explodiu. Mas a atitude sempre foi essa: “Não somos um país de pessoas idosas, nosso clima é quente, aqui a gripe não pega”.

Uma particularidade do momento que vivemos é que as pessoas recebem informações com muito mais velocidade, o que pode ser uma vantagem e uma desvantagem. Uma vantagem porque o acesso à informação foi democratizado, sem tantos intermediários. O conhecimento está mais rápido: todo fim da tarde é possível verificar os dados sobre novos casos de contaminação e novas mortes ocasionadas pela covid-19. A desvantagem é que estamos expostos à ambiguidade das redes: boa parte das fake news no Brasil é negacionista. Elas contestam a gravidade da situação e a importância do isolamento. Também fazem crer em milagres, investindo pesado na propaganda de remédios que não têm eficácia comprovada e podem agravar o

estado de saúde dos pacientes, desfazendo os ganhos da ciência. Mais do que nunca, precisamos ser seletivos em relação a nossas formas de conhecimento. Precisamos aprender a reconhecer quais são os veículos idôneos e quais são os profissionais que se pautam por pesquisas e dados. Quem são os especialistas e quem são os populistas que pretendem fazer sucesso em cima de tantas mortes.

Como afirmar que o Brasil corre menos risco porque sua população é mais jovem, se ela é também muito mais desigual que a de países europeus que já se veem sobrecarregados pelos efeitos da pandemia? O negacionismo cria o bode expiatório. E esse fenômeno é recorrente na nossa história.

A conta agora recai sobre os idosos. Nossa sociedade não sabe lidar com a morte, e por isso relutamos tanto em envelhecer, criando o mito da eterna juventude. A juventude é uma construção histórica e cultural, que varia muito a cada época. Fica claro que somos uma sociedade que transforma a história e os idosos em “velharias”. Juventude não é, porém, uma qualidade — é uma forma de estar no mundo que independe de idade. E a pergunta que cada um de nós tem que fazer é: alguém tem o direito de dizer quem pode ou não pode morrer? No Ocidente a velhice é vista não como um momento de sabedoria, mas apenas como decrepitude. E isso também tem a ver com a tecnologia: velho é aquele que não sabe lidar com ela. Portanto, que seja isolado. E aguarde a morte. Pior: não sabemos falar sobre o luto. Não vemos o presidente do Brasil pronunciar uma única palavra de solidariedade às famílias das pessoas que morreram, como se não quisesse nem tocar no assunto. E a essa

altura não existe quem não tenha o seu luto: um amigo, um inimigo, um parente, um conhecido.

Esse pensamento combina muito bem com uma sociedade que nega a história, por exemplo, ao dizer que em 1918 não tínhamos as condições de combate à crise que temos hoje. Esse é um uso equivocado e negacionista da história: refutar o passado e dizer que o que aconteceu naquela época não vai acontecer agora. Negar o passado significa também não aprender com ele — com nossos erros e acertos.

Se cuidarmos melhor das populações vulneráveis — e aí se incluem os idosos, a população de baixa renda e os negros e negras —, estaremos cuidando melhor de nós mesmos, não só numa dimensão simbólica, como também de maneira prática. Aliás, como mostra Silvio Almeida, não teremos uma democracia enquanto praticarmos um racismo institucional e estrutural como o que vivemos no Brasil. O racismo é institucional pois só vemos pessoas brancas nas posições de mando e direção. O racismo é estrutural uma vez que se insere, perversamente, em todas as entranhas do sistema: na saúde, na educação, no trabalho, nos transportes, nos índices de nascimento e de morte. É estrutural, também, pois parece “natural” e invisível por parte das elites. Somos capazes de “ver”, pois esse é um atributo biológico; no entanto, temos muita dificuldade de “enxergar”, uma vez que essa é uma escolha cultural e todos nós somos “míopes culturais” e sistematicamente fazemos da “branquitude” uma realidade sem pejas e receios.

O racismo foi uma criação branca, portanto, cabe a toda a sociedade brasileira lidar com ele. O protagonismo é de negras,

negros e negres (numa referência aqui a identidades de gênero), mas a pauta é de todos nós. Por sinal, nada mais denunciador do que o conceito de “novo normal”. A pergunta que não quer calar é: “novo normal” para quem? Para as elites que moram em seus “lares”, têm seus computadores individuais e quartos privativos ou para a imensa maioria da população brasileira que não tem acesso a essas benesses?

Já não basta dizer que não somos racistas. Não funciona mais. É preciso ser antirracista, como definiram Angela Davis e Djamila Ribeiro aqui no Brasil. E ter certeza de que a questão não é só moral. Trata-se de uma responsabilidade que implica ações e atitudes de todos nós, em todos os lugares e setores.

Somos um país que vai se mostrando avesso a qualquer tipo de “ressarcimento”, e mesmo à memória. Por exemplo, nunca aprovamos uma política de ressarcimento aos ex-escravizados e ex-escravizadas; na verdade, foram eles os únicos a pagar por suas alforrias, uma vez que compensavam, com o esforço de seus trabalhos, os proprietários e senhores de escravos, comprando a própria liberdade.

O mesmo aconteceu com o golpe militar de 1964. Enquanto outros países vizinhos fizeram comissões e julgaram e puniram os militares envolvidos nas ditaduras latino-americanas, o processo no Brasil foi muito mais brando. Até porque a Constituição de 1988 permitiu a autonomia das Forças Armadas para definir assuntos de seu interesse. O resultado ficou latente no andamento da Comissão Nacional da Verdade, cujo relatório final foi entregue à então presidente Dilma Rousseff em 10 de dezembro de 2014. O documento apontou 377 responsáveis

direta ou indiretamente pela prática de tortura e assassinato entre 1964 e 1985. Mas a indicação dessas pessoas não implicou sua “responsabilização jurídica”. O relatório fez recomendações ao governo, entre as quais a de que os acusados de cometer crimes contra a humanidade respondessem na Justiça, além de recomendar o necessário reconhecimento pelas Forças Armadas de seu papel na violação de direitos humanos no Brasil. No entanto, a responsabilização criminal, que daria ensejo a uma revisão da Lei da Anistia de 1979, não foi unanimidade e a situação permanece intocada até hoje.

Aliás, impressiona o lugar do Exército na história do Brasil, que garante para si esse papel “tutelar”, de “salvador” da pátria. Os países têm exército e têm também toda uma população de reserva para a hipótese de haver uma guerra. Se o Estado brasileiro levasse a sério a metáfora bélica, que tanto utiliza, deveria ter criado uma estrutura semelhante para lutar nas “guerras de saúde”. Mas ele não dispõe nem sequer de um sistema para prevenir epidemias e se dá ao luxo de demitir dois Ministros da Saúde especialistas, para colocar um militar no comando provisório (e permanente) da pasta. É preciso inverter os termos bélicos, e pensar que essa pode ser uma “crise humanitária”, que depende de todos nós.

Uma doença só existe quando se concorda que ela existe. É preciso mostrar para a população que estamos doentes. Se não temos diretrizes claras por parte do governo, se nosso presidente insiste em dar contraexemplos e apoiar aglomerações, não há argumento que dê conta de se opor ao negacionismo de parte da população brasileira.

Passaram-se cem anos desde que a gripe espanhola chegou ao Brasil, e as alternativas que temos hoje para combater a pandemia da covid-19 não são muito diferentes das usadas naquela época. As reações em 1918 foram muito semelhantes às de agora: havia poucas pessoas nas ruas, todas usando máscara, as igrejas ficaram fechadas, os teatros eram lavados com detergente, os bondes limpos com álcool. A humanidade ainda não inventou outra maneira de lidar com a pandemia a não ser aguardar o remédio ou a vacina.

Nossa prepotência é um pouco esta: achar que somos uma sociedade muito racional, que se pauta pela tecnologia, quando na verdade estamos sempre esperando por um milagre atrás do último arco-íris.

Toda vez que passamos por uma grande crise, nossa principal reação é basicamente a mesma: “Agora nós aprendemos, nunca mais vamos fazer isso”. Mas as crises continuam a acontecer. A pandemia já vinha se anunciando, e as nações não tomaram atitudes preventivas, buscando montar exércitos da saúde. Era preciso que se antecipassem à pandemia, não que corressem atrás do prejuízo. Se a humanidade aprendesse com o passado, os historiadores seriam visionários. Mas, infelizmente, não acredito na ideia de que nós deixamos de repetir o passado. Infelizmente a humanidade é teimosa. Vem se repetindo em termos de violência, de intolerância, de racismo, de xenofobia. Mas, já que é a primeira vez que esta geração vive algo do tipo, quem sabe algumas coisas não mudam? Vários países já estão começando a pensar em estruturas que não apenas reajam, mas prevejam pandemias como esta e outras que virão.

O problema é que nós temos no Brasil um governo que não acredita na ciência. Um governo autoritário e populista que só acredita em si mesmo, acha que tem respostas para tudo e fala diretamente com o povo, sem necessidade da ciência, dos acadêmicos, dos jornalistas, das instituições democráticas. Em horas como esta, fica cada vez mais claro que a saída virá da ciência, com a vacina ou o remédio que venha a controlar a pandemia. Na época da gripe espanhola, Carlos Chagas se tornou mais popular do que cantores e jogadores de futebol — as charges retratavam isso.

Não estranharia se nossos próximos presidentes fossem médicos. O que vários países estão aprendendo é a importância de ter um Ministério da Saúde forte, ocupado por especialistas de verdade, e não contar apenas com um político, mas com um político especialista. A ciência, antes o grande vilão, é hoje a grande utopia.

Sou pessimista no atacado e otimista no varejo. Se cada um exercer sua cidadania, sua vigilância cidadã, quem sabe damos sorte no azar. Quem sabe fazemos dessa crise única na história brasileira — porque é social, econômica, ambiental, cultural, moral e da saúde — uma oportunidade. O fato é que a sociedade civil está comparecendo. A população acordou para a importância do SUS e da ciência. Lutar pelo SUS, nesse momento, é virar um defensor dos direitos humanos. O Brasil já se perdeu e já se encontrou várias vezes em sua história. O novo coronavírus está gerando muita dor, muita solidão, muita insegurança, muito luto. Mas é hora de fazer da crise um propósito. Quem sabe

construiremos um cotidiano com mais tempo e qualidade? Quem sabe não aprenderemos a dar tempo ao tempo?

Já havia muitos sinais do desgaste da utopia tecnológica do século que agora termina. É mais do que óbvio o quanto estávamos e ainda estamos abusando da natureza, e os desastres climáticos e ambientais de proporções inéditas são prova disso. Há muito tempo vimos recebendo alertas de cientistas, ambientalistas, ativistas e lideranças indígenas sobre a “queda do céu”, título do impressionante livro de Davi Kopenawa. Nossa marcha desenfreada pela tecnologia agora se depara com essa pandemia, e começamos a nos despedir, tristemente, da utopia do século XX. Bem-vindos ao século XXI.

Texto elaborado a partir das seguintes entrevistas e textos publicados entre abril e junho de 2020:

“100 dias que mudaram o mundo”. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/>>.

“E depois da pandemia? O que esperar do mundo pós-coronavírus”. Disponível em: <<https://br.noticias.yahoo.com/e-depois-da-pandemia-o-que-esperar-do-mundo-poscoronavirus-070030080.html>>.

Podcast: Novo normal, “Pandemia: ontem e hoje”, 27 de abril. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/66mbRs8DRhHQ6GaRXDItB?si=loQYIUePRTawRJT0kqsi0g>>

Podcast: Tempo hábil, “Século XX só acaba com o fim da pandemia”, 8 de maio. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/podcasts/tempo-habil/seculo-xx-so-acaba-com-o-fim-da-pandemia-diz-historiadora-1.2335100>>.

“Por que será que todos os nossos heróis são homens e brancos”. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,por-que-sera-que-todos-os-nossos-herois-sao-homens-e-brancos,70003333018>>.

“Racismo é um impeditivo ao desenvolvimento econômico brasileiro”. Disponível em: <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,racismo-e-um-impedimento-ao-desenvolvimento-economico-brasileiro,70003337711>>.

Sobre a autora

LILIA MORITZ SCHWARCZ é professora titular no Departamento de Antropologia da USP e visiting professor na Universidade Princeton. É autora de, entre outros livros, *O espetáculo das raças* (1993), *As barbas do imperador* (1998, prêmio Jabuti de livro do ano), *Brasil: Uma biografia* (com Heloisa Murgel Starling, 2015) e *Lima Barreto: Triste visionário* (2017, prêmios Jabuti de biografia, livro do ano da Anpocs, melhor biografia pela Biblioteca Nacional e APCA 2018).

Copyright © 2020 by Lília M. Schwarcz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Ale Kalko

Revisão

Verba Editorial

ISBN 978-85-5451-785-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

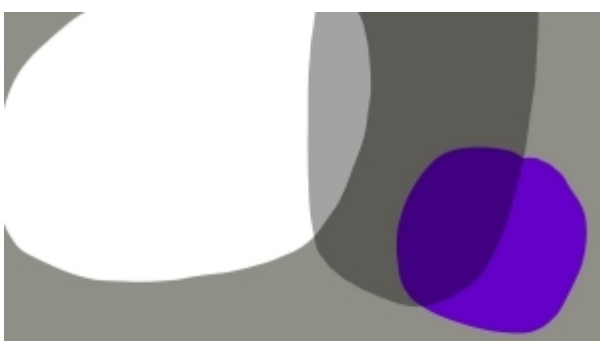
www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

PAROLAGEM DA VIDA
E OUTROS POEMAS
PARA O TEMPO PRESENTE


COMPANHIA DAS LETRAS

Parolagem da vida

de Andrade, Carlos Drummond

9788554517588

56 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma reunião de quarenta poemas que dialogam com essa matéria indefinida que todos compartilhamos e concordamos em chamar de vida presente.

"Chegou um tempo em que a vida é uma ordem./ A vida apenas, sem mistificação", escreve Carlos Drummond de Andrade em "Os ombros suportam o mundo". Selecionados por sua surpreendente capacidade de refletir sobre os dias atuais, os poemas desta coletânea tratam de solidão, isolamento, luto, incerteza, crise econômica e medo. Mas há também uma nesga de esperança. Com extraordinário talento para pensar sobre a existência individual e coletiva, o autor de *A rosa do povo* convida o leitor a observar o presente com outros olhos.

[Compre agora e leia](#)

Pós-escrito da nova edição

BRASIL: **UMA** Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling **BIOGRAFIA**



Brasil: uma biografia - Pós-escrito

Schwarcz, Lilia Moritz

9788554510763

24 páginas

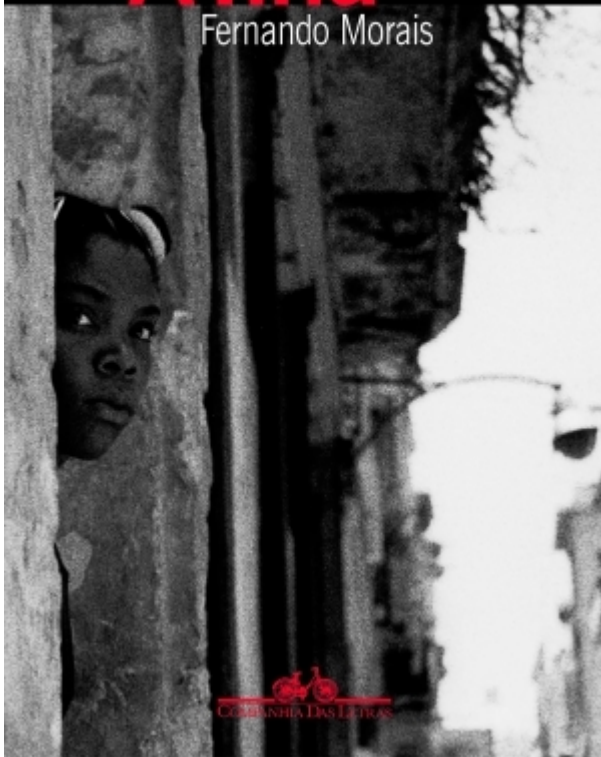
[Compre agora e leia](#)

Neste pós-escrito do monumental *Brasil: uma biografia*, Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling lançam um olhar atualizado sobre os acontecimentos recentes e decisivos do país. A democracia posta em xeque, os desdobramentos das manifestações populares e o impeachment de Dilma Rousseff são alguns dos temas tratados pelas pesquisadoras, que mantêm o rigor na pesquisa e o texto fluente da obra lançada em 2015. Tanto continuidade dessa nova (e pouco convencional) biografia como análise independente do cenário brasileiro dos últimos anos, este é um convite para conhecer um país cuja história — marcada pelas falhas nos avanços sociais e pela violência — permanece em construção.

[Compre agora e leia](#)

Alha

Fernando Morais




COMPANHIA DAS LETRAS

A ilha

Morais, Fernando

9788554513757

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reedição com caderno de fotos e prefácio em que Moraes apresenta suas impressões sobre a ilha um quarto de século depois da primeira viagem.

Lançada em 1976, esta reportagem sobre Cuba tornou-se um dos maiores sucessos editoriais brasileiros e se converteu num ícone da esquerda brasileira nos anos 70. *A ilha* teve trinta edições esgotadas, passou mais de sessenta semanas nas listas de mais vendidos e foi traduzido na Europa, Estados Unidos e América Latina. Polêmico, o livro foi acusado de fazer a apologia da Revolução Cubana e chegou a ser apreendido pela polícia em dois estados. Naquela época o isolamento de Cuba, para os brasileiros, era total. Com o golpe militar de 1964, o Brasil rompera relações com o regime de Fidel Castro, repetindo o que já fizera quase toda a América Latina. Os passaportes brasileiros passaram a ostentar a advertência: "Não é válido para Cuba". Foi nessa atmosfera típica da Guerra Fria que Moraes desembarcou em Cuba, onde passou três meses colhendo dados para uma reportagem que se tornaria histórica.

[Compre agora e leia](#)

SIDARTA
RIBEIRO

Limiar

Ciência e vida contemporânea

COMPANHIA DE BOLSO

Limiar (Nova edição)

Ribeiro, Sidarta

9788554517847

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reunião de escritos e reflexões sobre sonhos, drogas, religião, neurociência, política, meio ambiente e educação, do autor de *O oráculo da noite*.

Neurocientista de carreira internacional, Sidarta Ribeiro nunca abriu mão de exercer seu papel de intelectual público. Por mais de uma década assinou uma coluna mensal na revista *Mente e cérebro*, além de contribuir até hoje com diversos textos para jornais como *Folha de S.Paulo* e *Estadão*. *Limiar* reúne os 56 melhores artigos de Ribeiro e volta agora em edição revisada, com escritos recentes e uma introdução inédita.

Dividido em cinco partes, o livro traz temas recorrentes em sua atuação como pesquisador, professor e escritor: neurociência, sonhos, drogas, política e educação. Sempre embasado nas mais recentes e sofisticadas pesquisas científicas, o autor de *O oráculo da noite* faz análises e provocações sobre religião, morte e desastres ambientais, além de comentários afiados sobre o posicionamento do governo brasileiro diante da pandemia de coronavírus.

Contramestre de capoeira e ávido buscador de tradições indígenas e afro-brasileiras, Ribeiro também aborda a importância dos saberes populares e da ancestralidade para se fazer do mundo um lugar melhor. E deixa um recado: "Se quisermos sobreviver a nós mesmos, precisaremos abandonar os hábitos paleolíticos de competir em vez de colaborar,

acumular em vez de distribuir. Já passou da hora de um upgrade em nosso software".

[Compre agora e leia](#)

CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE

.....
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS


COMPANHIA DAS LETRAS



Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejamos todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'. Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de

usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

[Compre agora e leia](#)